

OLHARES DOCENTES

Quilombos: a luta pela identidade¹

Heuler Costa Cabral

Bacharel em Humanidades/ Graduando em História (Unilab)



Escola Municipal Felizarda de Azevedo, no Quilombo Machadinha (RJ) durante projeto “Eu sou o quilombo: Escola e Comunidade de mãos dadas”. Foto: Divulgação.

Não se gestiona a comunidade que não conhece. Senão, o gestor corre risco de gestionar somente recursos, ou ser simplesmente um gestor-funcionário. Qualquer prática social está por detrás a preocupação com a existência humana. Ora todo gestor/a das escolas em comunidades quilombolas deve-se perguntar e procurar as respostas. O que é histórica e culturalmente esta ou tal comunidade na qual gestiono? O que é quilombo? Qual é agenda deste povo? Qual tipo de educação quer? Entre outras. E este curso proporciona responder estas e demais questões para um gestor ou um/a docente. O curso permite o profissional de magistério conhecer a essência e

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Educação e Gestão Escolar Quilombola, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

preocupações dos povos quilombolas para que assim possa, seja de qualquer jeito, inserir-se na luta, não simplesmente limitar a sua função.

O que é a identidade quilombola? Quais são suas dimensões? Quais agendas das suas lutas? Quilombolas são povos afrodescendentes com suas comunidades próprias, geralmente distantes das cidades, que vivem segundo memórias dos seus ancestrais africanos (COSTA, 2014). Na mesma linha, afirmam Henriques (2018 p.01) “os quilombos são territórios que geralmente se localizam distantes das cidades e que se formaram em decorrência da fuga de escravos”.

“O reconhecimento da cidadania e da cultura quilombola na constituição brasileira 1998 representa um dos marcos fundamentais que proporcionaram a mais pluralidades das vozes negras para reclamarem seus direitos” (MALAQUIAS, 2019)

Mas é necessário mostrar que a luta pelo direito deste povo começa desde as chegadas dos seus ancestrais no Brasil, que refugiaram nas matas para resistir contra opressão dos escravocratas e reconstruíram suas identidades a partir dos costumes africanos (COSTA, 2014). Foi zumbi quem realizou uma revolta significativa afim de construir, por assim dizer, uma república dos afrodescendentes. E hoje este é o símbolo da luta dos afro-brasileiros (SILVA, 2014)

Assim, ao longo do tempo da exclusão do negro na sociedade brasileira, encontra ainda outra exclusão da mulher negra. Aqui a luta tende ganhar outras proporções. Por isso vamos encontrar a ressignificação da Dandara. A pergunta maior é essa: se a Dandara foi a mulher de Zumbi na altura, significa que lutaram juntos. Pois não tem como o marido lutar sem a esposa faça, de algum jeito, a mesma (SILVA, 2019).



Escola Municipal Jovino Seabra Campos atende a comunidade quilombola urbana de Minaçu (GO) Foto: Divulgação.

Outra face, é quilombo da cidade, que é pouco veiculado na nossa sociedade. O quilombo costuma a ser entendido como sinônimo de apropriação coletiva da terra, neste caso, refere os quilombos rurais. No caso de quilombo da cidade temos outros fatores essenciais.

Os quilombolas urbanos trabalham em empresas privadas ou públicas, participam na vida pública, não possuem terras em comuns, mas o fio condutor é a reivindicação da matriz africana, e a luta contra o racismo e direito povo afro. Isso já basta para criar um sentimento de pertença contra sistema capitalista vigente (SILVA 2019). Deste jeito, os dois quilombos têm em comum é a organização pela mesma causa.

“O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil” torna-se um caminho ideal na valorização da identidade afro-brasileira/quilombola, tomando que apesar de foi instituída a orientação para tal, mas há ainda muito a melhorar. De acordo com Martins (2019) a aula de história sobre África “quase sempre foi tratada nas escolas como da escravidão. E isso mata a potencial contribuição epistemológica. Pois o devido conhecimentos da história da África e de afrodescendente lhes possam orientar melhor no desafio da sua caminhada

Referências

COSTA, Jordana Maria Nunes. **Alimentação escolar quilombola: avanços e desafios**. Monografia apresentada à Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do grau de Especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça. Brasília, Distrito Federal, 2014. Disponível em: <
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13180/1/2014_JordannaMariaNunesCosta.pdf>. Acesso em outubro de 2019.

HENRIQUES, Tavares Lorena. O protagonismo da mulher negra nas comunidades quilombolas. **Revista África e Africanidades**. Seção Olhares Docentes. Ano XI, n. 28. Out 2018. Disponível em: <
<http://www.africaeaffricanidades.com.br/documentos/0190102018.pdf>>. Acesso em outubro de 2019.

MALAQUIAS, Elton Nogueira. Identidade quilombola: pelo direito de ser, pertencer e exercer a cidadania plena no Brasil. **Revista África e Africanidades**. Seção Olhares Docentes. Ano XI, n. 29. fev 2019. Disponível em: <http://www.africaeaffricanidades.com.br/documentos/0050022019.pdf>>. Acesso em outubro de 2019.

MARTINS, Luiz Ernane. O mito da democracia racial e a necessidade de uma educação dialógica para construção de sentido acerca dos saberes afro-brasileiros e afrodescendentes no século XXI. **Revista África e Africanidades**. Seção Olhares Docentes. Ano XI, n. 29. fev 2019. Disponível em: <
<http://www.africaeaffricanidades.com.br/documentos/0270022019.pdf>>. Acesso em outubro de 2019.

SILVA, Carolina de Matos. História viva dentro da cidade, 2019. **Revista África e Africanidades**. Seção Olhares Docentes. Ano XI, n. 29. fev 2019. Disponível em: <
<http://www.africaeaffricanidades.com.br/documentos/0190022019.pdf>>. Acesso em outubro de 2019.

SILVA, Carolina de Matos. Resistência da mulher negra. **Revista África e Africanidades**. Ano XI, n. 29. fev 2019. Disponível em: <
<http://www.africaeaffricanidades.com.br/documentos/0090022019.pdf>>. Acesso em outubro de 2019.